Ano 31.º | Sábado, 18 de Junho de 1938 | N.º 1530

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Lusitânia
Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Um gesto e o seu significado

Entre as muitas manifestações com que foi comemorado o 12.º aniversário da Revolução Nacional avulta pelo significado particular que assumiu a do banquete oferecido ao sr. doutor Oliveira Salazar, presidente do Conselho e ministro da Guerra. E êsse significado, iniludível, vem a ser que o Exército está inteiramente com Salazar, com a sua obra, com a directriz que foi imprimida à Revolução Nacional.

Respigamos do notável discurso do major Ricardo Durão, que em nome do Exército falou, estas palavras que se não prestam a duas interpretações:

«...no ano de 1937, um poderoso engenho de morte é colocado num cano de esgôto, e a sua explosão dá-se precisamente quando passava um homem que providencialmente escapou. Que mal tinha feito êsse homem?

Êsse homem tinha salvo Portugal, tinha salvo o povo português da bancarrota, da deshonra, da ignomínia.

Eis as razões, senhor Presidente, por que aqui estamos todos: para garantir a V. Ex.ª que o Exército repele, indignadamente, tôda e qualquer espécie de intentonas, cujo desfecho, necessàriamente, acrescentaria à história da Rèpública mais uma data infamante.

Salazar salvou Portugal; é preciso agora que o Exército salve Salazar».

O que acabamos de transcrever não dá lugar a dúvidas. Só o não vê quem propositadamente fechar os olhos.

Que isto era e continua sendo assim bem o sabíamos nós e tantos outros portugueses. Mas é ainda grande o número daquêles que se deixa enredar pela intriga e pelo boato. A vága das conspirações não se acalmou ainda, embora se saiba com certeza absoluta que elas não têm nem ambiente propício nem a menor possibilidade de fazerem mal de vulto. Mas é para refletir o facto estranho de elas poderem conciliar não só os *doutrinários* da democracia e do individualismo como as hostes que obedecem ao santo e senha de Moscovo e ainda alguns dos antigos caudilhos da monarquia.

A Revolução Nacional não teme, não pode temer estas conjuras cuja finalidade — se pudéssemos admitir o seu triunfo—não levariam a outro resultado que não fôsse a desordem, o auto-devoramento dos próprios conjurados, isto é, mergulharia o País numa agonia semelhante à que vive a Espanha dos Negrin, dos Prieto e dos Caballero.

Portugal vive sob a autoridade dum Chefe que soube, pelo seu génio administrativo e político, conduzi-lo a uma vida nova de rejuvenescimento e de progresso, que soube reconquistar para o seu país um prestígio internacional de que gosam poucos outros países. Portugal não é hoje nem um país servio, sem pensamento próprio, nem um país imitador de outros.

Com efeito, aliado da Inglaterra há mais de cinco séculos entendeu, sob Salazar, que, para manter essa aliança, devia valorisar-se pelo seu esfôrço próprio; tendo varrido as instituições democráticas não procurou para as substituir os figurinos estranjeiros que se lhes ofereciam e creou um sistema original cujos alicerces estão nas nossas tradições, nos nossos costumes, necessidades e condições de vida própria.

O Exército, que foi o principal factor da Revolução Nacional, reconhece os bons serviços prestados por Salazar a essa Revolução e disse-lhe simplesmente em 29 de Maio:—prossiga; conte connosco!

Não há outro significado a extrair do gesto do Exército.

P. C.

Efemérides

18 de Junho

1815—Trava-se a batalha de Waterloo de que sai vencido Napoleão Bonaparte, cujas cinzas a França guarda com a maior das venerações.

1866—Nasce em Vale de Vinha o dr. António José de Almeida, um dos maiores demolidores da monarquia.

1874—Morre Dios Quintero, republicano federal espanhol e o único que tentou repelir, pela força, o célebre golpe de Castelar e Pavia.

1898—Zola á condenado a um ano de prisão ainda por causa do processo Dreyfus, discutido em todo o mundo, mas especialmente na Europa.

1911—Inaugura-se em Lisboa o Congresso Nacional de Neutralidade sob a presidência do dr. Teófilo Braga.

Frota bacalhoeira

=o=

Já deixaram as águas da nossa ria os dois lugres construidos nos estaleiros da Gafanha para a Empresa de Pesca do Bacalhau do Porto, L.ª.

Na campanha de 1937 a frota de Aveiro continuou a ocupar, em tudo, o primeiro logar. Assim, os 15 navios que daqui foram à Terra Nova e Groëlandia pescaram 105.850 quintais de peixe, seguindo-se o Porto, 12 navios, com 54.989 quintais; Lisboa, 9 navios, com 44.249 quintais; Figueira da Foz, 9 navios, com 40.192 quintais e Viana do Castelo, 3 navios, com 20.852 quintais.

Tanto peixe para, afinal, haver dias em que nem uma lasca se encontra para amostra, na cidade!

Muito se come...

VISITAI O PARQUE DA CIDADE

Exposição de aguarelas do mestre Alberto Sousa

Como noticiámos no número anterior, esteve aberta ao público uma exposição de aguarelas dêste já notável artista, no salão do Arcada Hotel.

Trabalhando há já alguns mêses nesta região, pela qual mestre Alberto Sousa tem uma particular predilecção, dedicou-se especialmente à escolha dos variados e curiosíssimos tipos que ela lhe oferece em grande quantidade.

Assim, tivemos o grande prazer de, pela primeira vez em Aveiro, vermos uma exposição de verdadeira arte com assuntos exclusivamente nossos.

Por esta particularidade, a cidade fica devendo a mestre Alberto Sousa, gratidão.

Da técnica e da côr têm dito já, nos grandes jornais, os críticos de arte, pelo que muito grato nos é afirmar que a técnica e colorido nos maravilharam também.

Gostámos plenamente. E que mágua a nossa magra algibeira não permitir a aquisição de alguns dos trabalhos que mais nos encantaram!

E' difícil opinar àcêrca do melhor trabalho. São todos bons; e se uns nos prendem mais que outros, não quere dizer que sejam melhores. E' questão de sensibilidade e nosso estado de espírito no momento em que olhamos os quadros. Não resistimos, porém, a citar alguns:

Aquêles bois no campo com uma moçoila de chapeu!... Admirável! A rapariga, de uma beleza sàdia, encantadora, vive perante nós como se não fôsse propriedade absoluta das côres e do papel.

A cena de frigir o peixe no Mercado... O trecho do canal da Praça do Peixe; o velho tio Gonçalo, característico pescador com o seu gabão, homem já fóra do activo, simpático velho que na aguarela consegue emocionar-nos... Aquela raparigaça que vem de comprar as sardinhas com a taça de barro vermelho... Estamos a vê-la pelo passeio da Rua do Cais naquela posição inalterável que, sem ser estudada, é sempre rigorosamente certa. Magnífico e flagrante estudo de verdade, desde a figura ao admirável pormenor da taça e do peixe.

E a interessante padeirinha de Arada? E o chale de merino das nossas tricanas? E a seda das opas das figuras das procissões?

Enfim: o melhor que temos visto e nos leva a crêr que ali está o máximo que a aguarela póde conseguir.

Da colecção destinada ao Museu de Aveiro só diremos que nos encantou e que é um documentário dos mais curiosos e expressivos; e que se hoje a sua valia é grande, os vindouros abençoarão as mãos do distintíssimo artista que é Alberto Souza.

Nós, os de hoje, temos que felicitar-nos pela aquisição e felicitar igualmente o grande mestre pelas verdadeiras preciosidades executadas. E se a êste devemos gratidão, não esquecer aquela a que o acontecimento nos obriga para com o dr. Alberto Souto, a quem se deve a possibilidade de serem obtidos os cartões que os aveirenses e todas as visitas podem, de futuro, apreciar.

Largo 14 de Julho

=x=

Anda agora em reparação o pavimento deste largo que, depois do desaparecimento da placa, ficou detestável, dando lugar, em dias de chuva, a inundações.

Era de necessidade, portanto.

O calor

=o=

Sempre chegou e não veio sem tempo. A' frente, porém, as rijas nortadas que tivemos de suportar, dispensavam-se. E' que foram, por demais, desagradáveis.

Farmacêuticos e Laboratórios

O que sob o titulo da epigrafe vai lêr-se é transcrito da revista *Acção Médica*:

Hoje, o farmaceutico está transformado em simples comerciante. Que êle seja comerciante, sim; mas os médicos mal lhe consentem que seja também o artista e o cientista que deve ser; esquecem-se que tem, ou pelo menos devia ter, um curso superior e que, por isso, não póde ser inferiorizado à missão de tirar frasquinhos de especialidades das estantes para entregar ao balcão.

A era da especialidade, porém, reduziu-o a essa situação vexatória, deprimente.

Mas, nem só do farmacêutico é inimiga a especialidade: ao médico fê-lo preguiçoso e ao doente tornou-lhe mais caras as doenças, contribuindo, assim, para que se tenha mêdo do médico «que manda sempre para a farmácia» e favorecendo o recrudescimento das mèzinhas, do bruxedo, do curandeirismo.

Bem sabemos que não é por tais motivos que o farmacêutico odeia a especialidade, mas porque os lucros são menores do que nos manipulados.

E igualmente sabemos que nem tôda a gente é inimiga; a especialidade farmacêutica, antes, dá óptima colaboração ao médico da cidade que, sem quaisquer títulos, pretenda passar por especialista aos olhos dos doentes que já tenham arrastado as suas doenças pelos consultórios dos clínicos dos meios pequenos.

De facto, aquele médico, para conquistar a admiração de tais doentes e para os encher de fé, não precisa mais do que indagar dos tratamentos prescritos, desdenhar dos diagnósticos postos pelos colegas e aconselhar medicamentos idênticos, mas transformados em especialidades caras e de nomes pomposos e tantas vezes sem significado terapêutico, productos que sejam pouco usados nos meios, que não se encontrem nas farmácias próximas. Há médicos que procedem assim; há doentes que ficam radiantes, reconhecidos; e há outros médicos que não podem deixar de sorrir-se da especialização e da esperteza dos primeiros.

Mas êstes factos não nos interessam para agora.

Quizemos simplesmente salientar que se abusa da especialidade. Não vamos, contudo, condená-la duma maneira absoluta; nem pretendiamos deixar argumentos que sirvam ao farmacêutico para protestar, junto dos médicos e dos Laboratórios, contra a situação a que o desceram—merceeiro.

Porque, nem só médicos e Laboratórios são culpados de tal situação, mas também os próprios farmacêuticos.

Por nossa parte não nos julgamos obrigados a ter consideração por aqueles—e são muitos—que deshonram a sua profissão, já fazendo de curandeiros, já satisfazendo o receituário dos curandeiros; tudo isso é mercearia e não farmácia.

A farmácia tem um papel eminente a desempenhar, um sacerdócio a cumprir—o da saúde, do bem público. **Exige, portanto, honestidade; deve inspirar confiança ao médico para a merecer do público;** é colaboradora da ciência médica, devendo cooperar com o médico—e só com êle, visto que só êle tem autoridade científica para cuidar dos doentes. **O farmacêutico não póde pôr o seu interêsse material, nem os dos seus clientes, acima da moral profissional,** sob pena de fazer, por si próprio, baixar o nível da farmácia.

Não deixemos, porém, de notar que, havendo dêsses farmacêuticos, **que desprezam a dignidade da sua profissão e fazem dela um perigo social,** não há, ao menos, quaisquer regulamentos que lhes lembrem os seus deveres. Não encontramos ainda, não conhecemos e cremos que não há, medidas que proíbam o farmacêutico de manipular sob a indicação do curandeiro!

E bastavam essas medidas para se combater o charlatanismo, para cada qual ocupar o lugar que lhe compete,

Palavras de justiça

=o=

O diário de Lisboa, *A Voz*, publicou no sábado anterior duas páginas sôbre Aveiro, fazendo-se nelas referências ao seu progresso e àquele dos seus filhos que, com mais dedicação e persistência, o tem fomentado—o dr. Lourenço Peixinho.

Eis os periodos que acompanham o retrato do ilustre presidente do município aveirense:

«Nunca está dito tudo a respeito do sr. dr. Lourenço Simões Peixinho, mui digno presidente da Câmara Municipal de Aveiro. Porém, a sua modéstia, força-nos, agora, a uma atitude de reserva, que não desejariamos manter. E' que um pedido dêsse homem, de invulgaríssimas qualidades de trabalho, incomensurável honestidade e excepcionalíssimos dotes de alma, a quem o lindo concelho de Aveiro deve todo o seu alindamento, tinha, sem dúvida, que operar em nós o efeito imperativo duma ordem.

Não deseja o dr. Lourença Simões Peixinho que se fale de si, pois que, se tudo faz por Aveiro, é, portanto, só de Aveiro que se deve falar, entende. Cumprimos tanto quanto possível, religiosamente, os seus desejos; mas isso não obsta a que, acima da nossa obedêencia e da isenção de S. Ex.ª, paire a VERDADE:—o que há feito na sua gerência municipal afirma-se, sem necessidade de palavras.

Se Aveiro, está hoje preparada para cumprir integralmente a sua função turística, foi porque o ilustre presidente da Câmara teve clara visão do futuro.

Não constitue, portanto, favor afirmar-se que o dr. Lourenço Simões Peixinho é a pedra basilar de todo o progresso aveirense.

Mais autorizado e com maior conhecimento do que nós, isto mesmo no-lo assegurou o ilustre Chefe do Distrito, na notável entrevista que nos concedeu e que noutro local publicamos.

Que o sr. dr. Lourenço Simões Peixinho nos perdôe não cumprirmos integralmente as suas ordens; mas a política de verdade só se poderá realizar com homens da sua tempera e o concelho de Aveiro deve-lhe o que é actualmente».

Correios e Telégrafos

—o—

No domingo foram inauguradas solenemente, pela Administração Geral, as novas instalações da estação de Barrancos, melhoramento julgado há muito indispensavel e que, por isso, despertou o maior interêsse entre a população.

Parabens aos felizes.

Uma pregunta

=o=

Escrevendo sôbre a falada restauração da diocese de Aveiro, o nosso colega local, *Correio do Vouga*, orgão católico, interroga no seu último número:

—Valerá a pena pugnármos por êste ideal?

Não é positivamente a nós que compete responder; mas lá que achamos estranha a pregunta nesta altura, isso é verdade.

Querem vêr que o *Correio do Vouga*, não está de acordo com o *mestre*, cuja atitude, nêste particular, até já o levou a renegar tudo quanto, em tempo, escreveu sobre o padre?

Isto é que são surpresas sôbre surpresas!...

Mas aguardemos, que a procissão vai sair ..

Curso de Farmácia

=o=

Reunem êste ano pela quarta vez os farmaceuticos diplomados pela Universidade do Coimbra em 1900-1901, devendo juntar-se naquela cidade no dia 28 do corrente para cumprimentarem os professores, depois do que virão almoçar a Aveiro, no Arcada-Hotel, seguindo, à tarde, para Viana do Castelo, onde lhes será servido o jantar e ficarão até o dia imediato com o fim de gosarem um pouco as delicias do ridente Minho.

Este curso tem *nomeada*. Pelo que as suas reüniões de 1925, 1930 e 1936 ficaram assinaladas pela maneira como decorreram, não lhes faltando nada do que era costume observar-se quando *a escola era risonha e franca*...

Antes assim...

Êste número foi visado pela Censura

Homens de bem

Com esta epigrafe narrou um jornal da Figueira que uma pobre mulher caira doente na via pública. Rodeavam-na duas crianças de tenra idade, palidas e maltrapilhas. Juntou-se gente; mas dentre essa aglomeração só um homem, entre tantos que passaram, só um houve que se condoeu com a sorte da infeliz e lhe prestou socorro, alugando um automóvel que a conduziu ao hospital enquanto levava para casa as duas crianças que sustentou e acarinhou enquanto a mãi não se restabeleceu!

Quem foi o benemérito? Ninguém o sabia porque êle não deu o seu nome. Mas veio, por fim, a descobrir-se embora tivesse passado despercebido aos informadores de jornais... Trata-se dum humilde operário, dos arredores da cidade, cujo salário não vai àlém de 12$00, quando tem trabalho!

Que bela lição aos ricos, aos abastados, aos que nadam em dinheiro!

São tão raros êstes exemplos de abnegação pelo próximo! Tão pouco vulgares! Tão restritos, que, quando aparece um, toda a gente se admira!

E contudo...

Mas não vale a pena dizer mais...

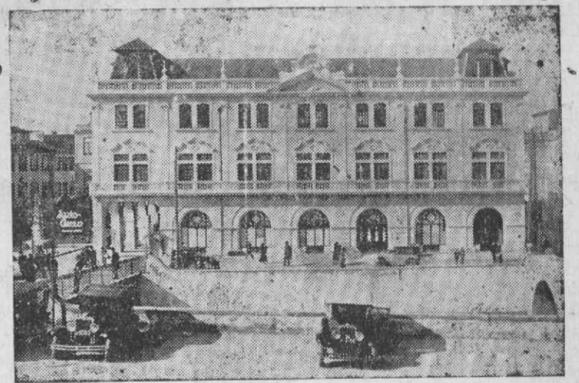
Manifesto da lã

—o—

Estão avisados por meio de editais todos os criadores ou possuïdores de gado lanigero no concelho para manifestarem até o dia 15 de Julho a quantidade de lã recolhida durante o ano agricola corrente e que serão expressas em quilogramas. Não devem, portanto, esquecer-se dessa obrigação os que lidam com lanzudos...

Aos assinantes da América do Norte, Brasil e Africa

Achando-se em atrazo de pagamento algumas pessoas que recebem êste jornal nos pontos acima indicados, vimos rogar-lhes o favor de pôrem em dia as respectivas assinaturas de modo a evitarem embaraços à sua administração.

O Democrata não é subsidiado por ninguém. *O Democrata* não recebe dinheiro de ninguém para seu sustento, a não ser o das assinaturas e anuncios. E tendo feito despesas extraordinárias durante uns poucos de anos com os processos que lhe foram movidos, e pagando com pontualidade tudo quanto dêle se exige para viver, precisa, ipso facto, de receber o que lhe é devido sem perda de tempo. A todos os assinantes, portanto, que na América do Norte, Brasil e Africa estão em debito ao *Democrata* aqui fica o nosso apêlo para que o saldem com a maior brevidade, tendo em vista as razões acima expostas e os motivos que determinam o instante pedido que fazemos.

para o médico poder exercer a sua acção, para o doente beneficiar delâ, e para o farmacêutico se elevar à posição que lhe compete pelo seu curso e passar a desenvolver o seu negócio: a farmácia só tem a lucrar com o incremento dos serviços médicos.

Já por Carta de Lei de 1460 era proibido que os cirurgiões e físicos vendessem mèzinhas aos doentes, prejudicando os boticários. E hoje, ainda não é proibido que os farmacêuticos aviem receitas prescritas pelo curandeiro, prejudicando médicos e doentes.

Mas, coisa mais curiosa ainda: há listas de grupos de especialidades farmacêuticas e de produtos químicos medicinais não manipulados, cuja venda é permitida nas drogarias! E a essas listas junta-se esta nota: *exceptuam-se os produtos pedidos por receita médica, ainda que mencionados aqui.*

Quere dizer: o médico não pode receitar para a drogaria e o curandeiro pode fazer receitas para a drogaria e para a farmácia!

Os Laboratórios de especialidades farmacêuticas são, por vezes, os piores inimigos da medicina, fazendo curandeirismo puro—se é que pode haver pureza na prostituição da ciência...

Segundo cremos — e temos razões para crer — alguns chegam a levar a sua propaganda e as suas amostras clínicas até junto dos curandeiros!

Outros, tentam desnortear o médico, não indicando—nas suas proporções, nem sequer na sua natureza—os componentes essenciais da especialidade que preparam.

E há, sobretudo, muitos que procuram substituir, anular os médicos, e enganar o doente — convidando êste ao uso e abuso da terapêutica sintomática, já por intermédio dos rótulos das especialidades, já com a publicidade persistente nos jornais, nos teatros, nas emissoras de rádio, nos «consultórios de beleza» e nas revistas femininas.

Percorram os jornais noticiosos e lá encontrarão as mais variadas drogas acompanhadas do respectivo rèclame banal do comerciante e, mais do que banal, deshonesto, intrujão e muitas vezes ridículo. Uns, curam completamente a asma em oito dias; outros, liquidam rápida e radicalmente qualquer manisfestação luética; êstes calmam tôdas as dôres; aqueles, evitam todos os males; aqui, guerreiam os remédios baratos; além, condenam os produtos estrangeiros, por serem caros; aqueles outros servem para todos os casos em que o estado de saúde não seja setisfatório, fazendo-nos lembrar logo o *faz-tudo* dos circos; e, todos êles, fazem das suas junto dum povo de semi-analfabetos...

Maravilhas de charlatanice!...
Habilidades de dentistas de feira!...

Em nosso entender, para bem público e dos próprios Laboratórios, êstes só deviam levar a propaganda (mas não charlatanice...) dos seus produtos junto dos médicos e dos farmacêuticos e das suas revistas e jornais e só assim conseguiriam acreditar-se como Institutos Científicos.

E só isso lhes deveria ser consentido.

São só verdades o que êste artigo contém. Quer na sua essência, quer na maneira como aprecia factos, tudo nele é digno de ponderação pelas duas classes visadas, pois de contrário nem uma nem outra poderá impor-se à consideração do público.

E ainda a *Acção Medica* não diz tudo. Não fala, por exemplo, na *benemerência de* certos farmaceuticos que fazem descontos ás especialidades com preços marcados! E mais, e mais a que o espírito de ganancia os obriga com mêdo que lhes fuja a clientela. E' isto sério? E' isto honesto? E' isto leal?

Não será isto concorrer para o rebaixamento da farmácia? E, portanto, para que o nivel moral de cada um, dos que assim procedem, baixe também?

Incontestavelmente.

Pelo que só temos a aplaudir o artigo da *Acção Medica*, cuja atitude merece louvores.

Livros

«A' RODA DE PORTUGAL»

A *Editora Educação Nacional*, do Porto, ofereceu-nos os dois volumes da 2.ª edição duma obra preciosa de José Agostinho, que se lê com encantamento por ser a exacta fotografia panoramica do nosso país, cuja descrição é feita em linguagem acessivel sem todavia, deixar de ser colorida e sentimental.

Passaram já 28 anos sobre a 1.ª edição, mas isso não importa. *A' roda de Portugal* constitue uma leitura sempre fresca e agradável ao espirito dos observadores, pelo que a recomendamos a toda a gente a quem interessem as belêsas, os costumes e as dulcíssimas maravilhas da nossa terra.

Agradecemos, reconhecidos, a António Figueirinhas, o benemérito das letras patrias, a oferta que nos fez dos dois volumes agora publicados e que ainda têm a realça-los as capas, decalcadas por Mario Vasconcelos sôbre assuntos históricos, artisticamente desenhados.

Verdades

=x=

Da *Voz*, referindo-se ao conhecido advogado, dr. Jaime Duarte Silva, no número do dia 11:

. . . .

Se mercantilizasse o talento poderia ser um dos homens mais ricos de Portugal. Como nunca o fez, precisa, após meio século de trabalho duro, continuar a trabalhar para viver dignamente.

E está dito tudo.

Mau cheiro

--o--

Devido ás águas sujas que correm pelas valetas do bairro da Apresentação e imediações, o cheiro, nestas noites de calma, tem sido de respeito, dando origem a reparos por parte de alguns moradores, que o não pódem suportar.

Pedem-se providências urgentes.

Cá recebemos...

Descreteando sobre turismo e hoteis, diz o *padre veneno*:

. . . .

Outro dia, quando estive em Aveiro, fiquei encantado com o hotel novo que lá fui encontrar. Óptimo local, boa sala de jantar, preciosos quartos, muito asseio, absoluto confôrto. Pois dizia me ontem o meu amigo G. M. que já lá voltou depois de eu lá estar, que o dono do hotel lhe dissera que ao próximo inverno ia fechar porque o hotel não tinha hóspedes que o aguentassem.

É uma das faces do problema: não há turismo porque não há hoteis e não há hoteis porque não há hóspedes. Chama-se a isto um círculo vicioso de difícil solução.

* * *

Mas não terá solução êste problema dos hoteis?

Salvo melhor opinião, penso que sim. Há duas fórmulas: ou o Hotel municipal ou o Hotel particular subsidiado pelos respectivos municípios. Eu optaria pela segunda fórmula. Vejamos, para exemplo, êste hotel de Aveiro a que me referi acima. Aveiro é uma terra magnífica, com privilegiados motivos de turismo. A existência dum bom hotel é para Aveiro, como para muitas outras terras, uma razão de vida ou de morte sob o aspecto turístico. Mas reconhece-se que a sua exploração não dá o suficiente para se manter numa certa época do ano?

Muito bem. Há que averiguar quais as razões dessa dificuldade. Geralmente, essas dificuldades surgem e impõem-se mercê das contribuições, impostos e licenças que pesam sôbre êsses organismos.

Que havia a fazer nestes casos? Aliviar êsses hoteis dos pesados encargos que os asfixiam durante os meses em que o seu movimento de hóspedes fôsse deficiente. Tudo menos consentir que numa cidade tão importante como Aveiro desaparecesse essa condição primacial de turismo. Isto que digo para Aveiro serve para tôdas as outras terras nas mesmas condições

O *padre veneno*, ás vezes, tem coisas acertadas e esta é uma delas. Não nos dá, porém, novidade sôbre a solução do problema. Isso já se tentou. Resta saber se será o suficiente.

Tem a palavra o tempo...

Batata

Há êste ano grande abundaucia dêste tuberculo pelo que o seu preço, nos mercados, baixou extraordinàriamente.

E' bom para os pobres.

Por um tris...

Segundo o nosso colega *O Ilhavense*, as galhêtas de prata do prior lá da freguesia correram, ùltimamente, sério risco, escapando, por um tris, de serem *limpas* como a celebre lampada da Senhora do Pranto...

Foi o caso que um desconhecido, entrando na residência do reverendo, ali solicitou duma pessoa de família a entrega do objecto, em nome da promotora da festa de S. Braz, não conseguindo, porém, o seu intento por a estranhesa que causou o pedido sôbre o qual ninguém tinha falado ainda.

Quere dizer: os ilhavenses ou teem muita cautela ou ficam sem nada.

O que, além da perca, é uma vergonha...

Rancho Regional de Aveiro

=o=

Prosseguem activamente os ensaios dêste grupo ao qual teem chegado bastantes pedidos de diferentes pontos do país para tomar parte em festivais durante o verão.

Congratulamo-nos com isso.

Corpus Christi

Quinta-feira, que passou, era, noutros tempos, um dos dias de maior animação em Aveiro pela quantidade de gente que de fóra vinha à procissão de S. Cristóvão—o *santo grande*, que andava pelo seu pé e a todos causava espanto pela sua descomunal estatura.

Também se encorporava nesse préstito religioso o S. Jorge, que ia à frente, montando um bucefalo, seguido dum pagem, de vários cavalos ajaezados e duma fôrça de cavalaria, que era o Estado Maior, imprimindo tudo isso rara imponência ao cortejo. Atraz, toda a Câmara com o seu rico estandarte, a magistratura, autoridades civis e militares e a infantaria, de uniforme de gala, com a respectiva banda de música.

Era, como se vê, magestosa, luzida, a procissão do Corpo de Deus Rial!

As ruas do trajecto apresentavam-se juncadas; dos prédios pendiam ricas colgaduras e os sinos, incluindo o carrilhão municipal, começavam a tocar, festivamnte, logo de manhã, enchendo de alegria o ambiente.

Nos largos e praças havia descantes, assim como no jardim, onde se bailava à sombra do arvoredo, transformando-o num autêntico arraial.

Mas basta de recordação, que até faz entristecer.

Quási tudo o que concorria para dar vida à cidade e era típico, tem acabado. Há muitos exemplos para o demonstrar.

Quando voltará a humanidade a divertir-se como antigamente?

E as quadras?

Então as quadras recitadas pelo sr. dr. André Reis em homenagem ao *mestre* e perante o seu busto imortal, saem ou não saem à luz da publicidade? Anda tanta gente com vontade de as decorar e de as cantar com música do Luís Santo Tirso, que é uma pena deixar no olvido essa joia literária, esse mimo tão apreciado pelos *cassianos*...

O' Pai! Por quem és, atende: olha que a consagração fica imcompleta sem as quadras.

Venha, pois, a poesia!
Quadras à praça!...
Quadras à praça!...

Necrologia

Vitimada por antigos padecimentos, ultimamente agravados, faleceu na madrugada de quarta-feira a sr.ª D. Natividade Trindade Curralo, esposa do sr. capitão Luis da Silva Curralo, de quem deixa dez filhos, entre os quais os srs. padre José Trindade e Silva e Edmundo Trindade e Silva. Era também irmã da sr.ª D. Virginia Trindade, professora oficial, e dos srs. Artur e João Trindade.

Contava 54 anos de idade e o seu cadáver foi sepultado no cemitério novo, aonde a acompanharam numerosas pessoas das relações da família enlutada, tendo conduzido a chave da urna o sr. Manuel F. da Rocha Leitão.

O Democrata acompanha os doridos no seu profundo desgôsto e mui especialmente o sr. capitão Curralo e filhos.

* * *

Em Ilhavo também ante-ontem de tarde se finou repentinamente o sr Joaquim Marques Machado, antigo negociante daquela praça, onde foi sempre muito considerado.

Contava 86 anos de idade e exerceu várias vezes o cargo de vereador municipal àlém do de juiz de paz.

Era pai da sr.ª D. Auzenda de Oliveira Pinto Machado Amador, esposa do nosso presado amigo, sr. Silvério Amador, da firma local *Testa & Amadores*, e dos srs. Joaquim de Oliveira Machado, comerciante, e Armando Machado, oficial da marinha mercante no Brasil.

O entêrro realizou se ontem de tarde com grande acompanhamento, tendo ido desta cidade bastantes pessoas tomar parte nele.

Á viúva e restante família enlutada, as condolências dêste jornal.

Secção desportiva

Basket-Ball

Campeonato do distrito

Galitos, 24—Valegrandense, 16

Uma razoável assistência, vivamente interessêda pelo desfêcho dêste desafio, embora tivesse vibrado com as oscilações do *score*, muito tempo favorável aos visitantes, saíu desiludida quanto à qualidade de jôgo posta em prática por ambos os contendores.

Com efeito, os aveirenses não estiveram à altura da sua invejável posição de *leaders*, pois ràramente desenharam avances em condições e os valegrandenses apenas desenvolveram uma toada enérgica e rápida, bafejada com o seu quê de sorte.

Venceu o melhor, o que era favorito, mas a sua própria exibição técnica equivaleu a uma derrota.

E' preciso notar que os *Galitos* foram para o campo absolutamente confiados na vitória, o que, ás vezes, acarreta desagradáveis surprêsas. E é preciso também lembrar que os visitantes não desistiram de recordar aos seus adversários pecados antigos, que os nossos *players* não toleraram com muita filosofia...

O jôgo foi esmaltado de incidentes que o árbitro, benèvolamente, tolerou a ambas as partes, mais à dos locais.

Na primeira parte o *Valegrandense* esteve quási sempre na posição de vencedor, mas, no fim dos 20 minutos regulamentares, *Galitos* logrou um empate de 10 10.

No segundo tempos, os *casos* estiveram *bicudos* para os nossos representantes, no início, mas não tardaram, felizmente, os momentos de superioridade dos grandes favoritos do campeonato, que arrancaram, mesmo assim a custo, devido à infelicidade que os atormentou nos lançamentos, uma vitória muito difícil.

Alinharam pelos *Galitos*:

Vasco (2) e Encarnação; Sousa (4); Fino (10) e Aurélio (8).

Arbitrou o sr. Adelino Cardoso.

* * *

Amanhã, os *Galitos* realisam o seu último jôgo de campeonato, defrontando, nesta cidade, o *Vasco da Gama*.

Se os *Galitos* vencerem, os seus entusiastas podem rejubilar, pois ficarão, desde logo, campeões do distrito, dum torneio que marcou como um dos melhores disputados no país e que foi de árdua realisação, tanto para os dirigentes como para os jogadores.

Natação

Um empreendimento feliz e oportuno

Graças ao esfôrço dum punhado de rapazes cheio de vontade de contribuír para o ressurgimento da natação aveirense, construiu-se, no canal central da ria, uma modesta piscina, que muito irá satisfazer as necessidades dos nadadores locais, obrigando-os a trabalhar e a progredir.

João Dias, Cipriano e António Costa, João Marques e João Graça—eis os principais obreiros dessa iniciativa simpatica, que há-de ser muito louvada pelos nossos desportistas.

A Capitania do Porto e a Câmara Municipal interessaram-se pelo empreendimento.

O senhor Presidente da Câmara, como de costume, ajudou os nossos rapazes afeiçoados ao desporto e o nosso público, demonstrou conhecer o que, de muito útil se faz, a êste respeito, nos paízes de adiantada civilização.

A Comissão de Iniciativa e Turismo irá, também, acarinhar o esforço dos entusiastas da natação—entre os quais sobressai uma legião de jovens *tritões* aveirenses.

A natação é, sem dúvida, o melhor dos desportos, o que mais títulos de glória tem trazido para a nossa terra e o que poderá fornecer aos nossos visitantes um espectáculo inédito e interessantíssimo.

Quantos turistas temos visto de boca aberta, contemplando os miudinhos aveirenses, que deslizam afoitamente na água, com um à-vontade ao mesmo tempo admirável e engraçadíssimo!

Teremos, pròximamente, provas nocturnas, na nossa Ría!

Estão entaboladas negociações para o Aveiro-Porto e Aveiro-Coimbra! Veremos qual será o segundo centro natatório do país!

A piscina ainda não está concluida. Vai ser muito aperfeiçoada.

Os aveirenses devem dedicar a sua simpatía e auxílio a esta felicissima iniciativa.

Está em jôgo o nosso brio bairristico.

Ajudar êsses modestos, mas incansáveis trabalhadores—que têm mais *obras* do que *lingua*—é fazer qualquer coisa de muito proveitoso para a nossa terra.

Y.

Promoção

Pela última *Ordem do Exército* foi promovido a tenente-coronel o nosso velho amigo Gaspar Inácio Ferreira, presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro.

Felicitamo-lo.

EUMAREIRISMO!

Sindicatos Nacionais dos Profissionais da Indústria Hoteleira e Similares

A reunião de Delegados dos Sindicatos Nacionais dos Profissionais da Industria Hoteleira e Similares, efectuada na séde do Sindicato do Porto, para tratar dos problemas que mais interessam a esta classe, saüdou a Imprensa Portuguesa pelo seu desinteressado auxílio, os Sindicatos Nacionais de todo o país e os componentes das classes de que são legítimos representantes.

A COMISSÃO DE DELEGADOS

Circo Chinez

Fêz ante-ontem a sua estreia, na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, a companhia do *Imperial Circo Chinês*, cujos trabalhos agradaram.

Teve pouca gente.

Fábrica de S. Jacinto

—o—

Foi adquirida pela Sociedade Comercial de Armadores do Porto, L.da, a Fábrica de Conservas de S. Jacinto, que a Filial da Caixa Geral de Depósitos poz em praça no dia 16 e que, segundo nos consta, vai ser destinada, a uma séca de bacalhau.

Custou 130.001$00.

Trincheira dum crente

O problema da liberdade

III

É inteiramente indispensável não confundir a liberdade do liberalismo, que no fundo é a máscara do principio de liberdade, que pelo seu absolutismo de acção romântica ou materialista, leva à tôdas as fraquezas e opressões e que muitas vezes adultéra as eternas ideias de verdade, de justiça, de direito e de humanidade, com a *liberdade da pessoa humana*,—a liberdade moral, que tem de ser sempre moral;—a liberdade intelectual, que tem de obedecer aos princípios da evidência, às regras da lógica e à disciplina do concreto; à liberdade do espírito, que tem de se afirmar sempre num sentido espiritual.

A liberdade da pessoa humana, que é a verdadeira liberdade, não a devemos nós ao liberalismo ou à democracia, pelos conceitos que delas nos deu o século dezanove.

Não a devemos à filosofia puramente subjectiva, aos postulados absolutamente racionalistas dos enciclopedistas do século dezoito; à filosofia que esqueceu a eterna verdade da vida, a permanente lição da natureza das coisas, o imutável e necessário correctivo da realidade,—a realidade simultâneamente natural, psicológica, racional, humana e divina, por cuja *sintese sempre viva* não podemos saltar impunemente.

Não a devemos aos imortais princípios do século das luzes e do progresso, nem à revolução política, social e económica de 1789. Essa liberdade—verdadeira essência do princípio de liberdade,—é a base indestrutível da nossa civilização; é o alicerce inabalável da nossa qualidade de latinos, de ocidentais, de europeus, de universalistas e de civilizados; é o fundamento imortal da nossa consciência, da nossa inteligência e da nossa personalidade de cristãos, de quem se compreende, de quem se sente e de quem se julga filho de Deus.

Essa liberdade devemo-la à maior revolução da história, concebida e realizada há mais de vinte séculos; à revolução do cristianismo, que separou nitidamente o espiritual do temporal; que depurou, purificou e acrisolou o moral, libertando-o do instinto, das paixões e da matéria.

* * *

Mas a liberdade da pessoa humana, na sua mais alta expressão espiritual e moral, na eminente e transcendente dignidade da sua função de cooperação e de conciliação, que mesmo autónoma e livre de pensamento, de sentimento e de vontade, se vincula, voluntàriamente, por superior compreensão, ao pensamento, sentimento e vontade de Deus, que é o bem supremo e a suprema sabedoria, tem por objectivo a realização do bem, que é o fim dos fins, que é o fim último do homem, da sociedade, do Estado, da civilização e da própria vida.

Bem não só individual, mas também colectivo; bem quer particular, quer geral; bem não só humano, mas divino.

Se a liberdade da pessoa humana tem por alvo a prática do bem, intenção e ideal para que tende a consciência, ela é pela própria imposição do imperativo invencível do bem, relativa, limitada, condicionada e disciplinada.

Ela só pode praticar o bem e nunca o mal! Aqui é que reside a sua relatividade e que aparece o freio que lhe impõe severa disciplina.

Se ela tivesse a faculdade de praticar o bem e o mal, ou o poder de contrariar ou de se opôr ao bem, seria então absoluta, soberana e não relativa.

Neste caso, perdida a relatividade, deixando de realizar sòmente o bem, cessou de ser a liberdade da pessoa humana.

A liberdade de pensar o que se quizer, de escrever seja o que fôr, de fazer o que se entender, sem observar as regras morais, intelectuais e espirituais, que condicionam superiormente toda a actividade afectiva e mental, não é a liberdade da pessoa humana.

Será a liberdade do liberalismo, da democracia individualista e partidária, da demagogia, do capitalismo plutocrático, dos regimens que se estruturam exclusivamente na violência e na fôrça; será a liberdade das paixões, dos instintos à sôlta, dos apetites desenfreados e de tôdas as servidões da matéria, que escravizam o Homem, a Sociedade e o Espírito e nunca a sagrada e digna *liberdade da pessoa humana!*

Continuaremos.

J. Carreira

O TEMPO

Previsões de 19 a 25 de Junho

Meteorologia

Oscilação barométrica geral—Depois de oscilar bruscamente, de 19 para 20, continua a descida barométrica, e em 22, começa uma subida fortemente acentuada.

Em 26 inicia a nova descida.

Datas de novos ciclones—De 19 para 20, de 21 para 22 e em 25.

Movimentos mais sensiveis no campo de pressão—De 19 para 20, de 21 para 22 e em 25.

Tempo em Portugal—É provável que o tempo, no decorrer dêste período, se apresente, por vezes, ventoso e quente.

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: em Espanha, Inglaterra, E. U. da América do Norte, América Central e Brasil.

Oscilação provável de temperatura na Peninsula—Oscilante com tendência para subir sensivelmente a partir de 21.

Sismologia

Datas de maior sensibilidade: de 18 para 19, de 20 para 21.

Setúbal, 15 de Junho de 1938.

A. CARVALHO SERRA

Contra todo o mundo

Alguns escritores que adormeceram ao som das árias democráticas do século passado e passam no mundo presente como sonâmbulos, sem notar as profundas transformações sociais dos últimos vinte anos, querem, a tôda a fôrça, considerar a União Sovietica um país democrático, que pretende viver em boa paz com os seus vizinhos. Julgam êles que os fumos da revolução mundial já passaram e que presentemente a U. R. S. S. é um país que cada dia mais se aproxima dos países demo-liberais, na sua forma de govêrno e economía. Cansam-se a convencer o público de que não existe antagonismo algum entre os países capitalistas e a União Soviética.

A verdade é muito diferente. O regime moscovita passou, de facto, por uma profunda transformação. Mas não foi no sentido liberal e democrático. Foi no sentido tradicional. Regressou ao czarismo. E entre Staline e um Ivan, a ideia da revolução mundial foi só abandonada, para ser substituída pela do imperialismo tradicional do Moscovo. E esta inimizade entre o imperialismo expansionista russo e os imperialismos doutras nações, quer tenham objetivo expansionista, ou simplesmente de manter as suas actuais fronteiras, manifesta-se, hoje, mais fortemente do que nunca. O próprio Staline escreveu o seguinte: «A existência da União Soviética constitue um dos factores essenciais da destruição do imperialista internacional.»

E', portanto, Staline que afirma ser a existência da U. R. S. S. incompatível com a existência dos estados capitalistas. Um dos regimes tem de desaparecer. Todos os povos devem perceber o dilêma: a independência com a destruïção do comunismo, ou o govêrno moscovita com a perda da independência.

Notas Mundanas

Aniversários

*Fazem anos: hoje, o inocente José Manuel, filho do sr. José Rodrigues dos Santos, 1.º tenente da Armada, e o nosso amigo capitão Alfredo de Brito, residente em Lisbôa; àmanhã, a interessante Maria Antonieta Soares Magano, filha do sr. dr. Fernando Magano, distinto clinico e professor da Universidade do Porto, e o sr. dr. Hernani Ferreira de Miranda, advogado em Albergaria-a-Velha; no dia 20, a sr.ª D. Isabel de Melo Brito, filha do sr. António Constantino de Brito, farmaceutico em Valadares; em 21, o sr. João Luis de Rezende Junior, sub-chefe da P. S. P. do distrito; em 22, a galante Maria Helena, filha do nosso amigo Henrique Ramos, da Fo*tografia Central, *e em 24, a sr.ª D. Rosalina Machado da Veiga, esposa do sr. José de Oliveira Ferreira, e o sr. José do Espirito Santo.*

—Também hoje festeja o seu aniversário natalicio a gentil Maria de Lourdes Maia dos Reis, filha do indurtrial sr. José dos Reis.

Os nossos parabens.

Casamentos

Para o sr. David de Matos e Silva de Oliveira Lopes, empregado na Empreza Mineira de Sabrosa, no Porto, foi, há dias pedida, a mão da sr.ª D. Maria Emilia Neto, dilecta e gentil filha do nosso amigo Cipriano Neto, chefe da secretaria da Câmara Municipal.

O enlace efectuar-se-há brevemente

Partidas e Chegadas

Esteve de novo em Aveiro, acompanhado de sua esposa, o nosso ilustre conterrâneo e presado amigo, dr. Antônio do Nascimento Leitão, coronel-médico, residente em Lisboa.

—De visita a seu sogro, o nosso velho amigo dr. Manuel Vieira de Carvalho, considerado clinico, esteve em Setubal a passar alguns dias o sr. dr. Fernando Moreira, conservador do Registo Civil.

—Regressou da sua digressão pelo estranjeiro o sr. dr. Artur Cunha.

Doentes

No Hospital do Carmo, do Porto, onde dera entrada há dias, sofreu a extracção dum rim, o nosso amigo Antônio José Nunes Rangel, a quem se haviam agravado os padecimentos.

Foi operador o abalisado cirurgião, sr. dr. Oscar Moreno, coadjuvado por dois médicos daquela cidade.

Oxalá que as melhoras do enfermo agora se acentuem e que, em breve, entre em convalescença.

—Só agora soubemos que tem estado gravemente enfêrma a sr.ª D. Adilia Ferreira de Miranda, esposa do ilustre advogado, sr. dr. Hernani de Miranda, de Albergaria-a-Velha.

Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

IMPRENSA

«OCIDENTE»

Saíu o 2.º número desta revista portuguesa, editada por Álvaro Pinto e dirigida por Manuel Múrias. Traz excelente colaboração em prosa e verso, que a acredita entre as melhores até hoje publicadas.

Eis o sumário:

Manuel Múrias—*O Homem e a História*; Joaquim Costa—*Teixeira Lopes, Escultor do Idealismo e do Simbolo*; António Corrêa de Almeida e Oliveira—«*O Fidalgo Aprendiz*», «*Le Bourgeois Gentilhamme*» e «*La Cortigiana*»; Fausto Guedes Teixeira—*Fonte pura* (soneto); Júlio Brandão—*A Sereia* (soneto); Pedro Gaivão—*A meus Irmãos*; Pedro Homem de Melo—*Cântaro cheio*; Virgínia de Castro e Almeida—*Carta de Paris*; Carlos Parreira—*Uma vida como outra qualquer*; Carlos Malheiro Dias—*Traços auto-biográficos*; António Baião—*A extinção pombalina da Inquisição de Gôa*; Coronel Leite de Magalhãis—*A Espiritualidade da Colonização Portuguesa e o materialismo das modernas concepções coloniais*; Manuel da Silveira Soares Cardoso, M. A.—*Alguns aspectos da vida económica e política do Brasil na primeira década do século XVIII*; Álvaro Pinto—Para a história da «Águia» e da «*Renascença Portuguesa*».

Crónicas—Rodrigues Cavalheiro *Sob a Invocação de Clio*; Diogo de Macedo—*Notas d'Arte*; D. M—*Cinema*; Pedro Corrêa Marques—*Panorama Internacional*.

Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro—Trechos de *Gilberto Freire* sôbre o estudo da arte brasileira em relação com a de Portugal e a das Colónias.

Bibliografia—Notas críticas de *M. M., Eugênio Navarro* e *A. P.*; Obras registadas na Conservatória da Propriedade Intelectual; Livros recebidos por "Ocidente„.

NOTAS E COMENTÁRIOS.

FINS DE PÁGINA—De Oliveira Salazar, António Corrêa d'Oliveira, Antero de Figueiredo e Rocha Pombo.

ILUSTRAÇÕES—Crianças, por *Teixeira Lopes*; Virgem das Dores—por *Matsys*; Manos—por *Carlos Botelho*; A Rua dos Gatos (Coimbra)—por *Tom.*

PÁGINA MUSICAL em *hors-texte*—Valsinha—por *Óscar da Silva*;

VINHETAS—de *Corrêa Dias*.

Correspondencias

Preza, 15

Na escola desta localidade, onde ministra a educação e o ensino a sr.ª D. Urbilia Ratola Amaral, realisou-se no domingo uma festa a que assistiram também as famílias dos alunos e muitas outras pessoas a quem interessou, decorrendo com brilhantismo.

Constituida a mesa, sob a presidência do sr. Afonso Frias, delegado do sr. Inspector Escolar, foi aberta a sessão, usando a seguir da palavra a professora da escola e os srs. padre Miller, António Gamelas e Salvador Rodrigues, que, referindo-se ao significado da cerimónia, exaltaram a obra do Estado Novo, vincando a personalidade de Salazar, a quem se deve o ressurgimento nacional que se vem constatando desde o dia em que o Exército, para prestigiar a República, tão comprometida pelos políticos, tomou conta dos destinos da nação.

Houve também recitativos pelas crianças, que entoaram, depois, diversas canções e a *Portuguesa*, sendo-lhes, no final, servido um abundante *lunch*.

Aos convidados foi, igualmente, oferecido um *copo de água* durante o qual a sr.ª D. Urbilia Amaral foi algo elogiada pela maneira como se tem conduzido no exercício das suas funções.

—Passou despercebido entre nós o dia de Santo António. Nem na véspera houve quem dêle se lembrasse, isto para não se dar alteração no programa...

C.

Produtores directos americanos

A Direcção Geral dos Serviços Agrícolas tem conhecimento de que alguns proprietários persistem em lançar a desorientação entre os viticultores que possuem produtores directos americanos, ainda por enxertar, substituir ou arrancar, com o fim de conseguirem mais seguramente fugir ao cumprimento da lei ou a obtenção dum novo alimento no prazo marcado pelo Decreto número 27.775, de 24-6-937, que termina em 30 de Junho corrente.

Esta Direcção Geral não sentiria necessidade de vir a público tratar novamente dêste assunto se os prejudicados, pelas penalidades que a lei impõe, fôssem sòmente aquêles proprietários. Acontece, porém, que a campanha levantada com tal fim, provocando a indecisão entre os viticultores de boa fé e dispostos ao cumprimento da lei, levará êstes a sofrerem também as mesmas penalidades, com manifesto prejuizo dos seus interêsses, ainda a tempo de serem remediados.

Assim, a Direcção Geral dos Serviços Agrícolas vem tornar ciente que o prazo para a enxertia, substituïção ou arrancamento dos produtores directos americanos, termina impreterìvelmente no dia 30 de Junho corrente, conforme estipula o Art.º 2.º do Decreto n.º 27.775. Findo êste prazo, proceder-se-à ao arrancamento ou destruïção das cêpas e bacêlos (§ único do mesmo artigo e decreto) e os respectivos proprietários serão enviados a tribunal para o pagamento da multa de 1$00 por cada pé, de harmonia com o disposto no Art.º 32.º do Decreto n.º 25.270, de 18-4-935.

Para êste efeito, lembra-se aos proprietários que a enxertia de borbulha constitui ainda a forma por que poderão proceder à enxertia dos produtores directos americanos.

Os que, por qualquer motivo, não puderem proceder a esta enxertia deverão comunicar ao Chefe da Brigada Móvel, da respectiva zona, o número de produtores directos que possuem e proceder em seguida ao seu arrancamento.

Após isto, poderão fazer a plantação, na ocasião própria, de bacêlos adequados, em substituïção de igual número de pés que arrancarem.

Tanto a enxertia como o arrancamento devem ser feitos até ao dia 30 do mês de Junho corrente, nos termos da lei.

As Brigadas Móveis, com a séde das respectivas zonas em Porto, Vizeu e Coimbra, estão habilitadas a orientar e aconselhar os viticultores sôbre a execução destas disposições legais.

Lisboa, 4 de Junho de 1938.

O Chefe da Repartição

Horario dos comboios

Da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro

Partidas para o norte		Partidas para o sul	
5,41	tram.	7,56	tram. *Fig.*
5,27	correio	9,40	rápido
7,15	tram.	10,59	correio
10,22	»	13,23	tram. *Fig.*
12,56	rápido	16,19	tram.
13,43	tram.	19,29	rápido
16,58	»	21,51	tram.
18,30	correio	0,31	correio
21,09	tram.		
22,27	rápido		

Do Porto chegam tram. às 19,05 e às 20,39, que não seguem.

Linha do Vale do Vouga

Partidas	Chegadas
7,57	8,38
13,45	10,15
18,38	18,21
20,50	22,51

A FECHAR

O Juiz:
—Diz então que lhe roubaram aquêle lenço. Mas como o conheceu?

O queixoso:
—Pela côr, sr. juiz; tenho outros iguais.

O juiz, tirando o seu lenço da algibeira:
—Mas olhe lá: isso não prova nada; este também é igual.

O queixoso:
—Não admira; teem-me roubado tantos!...

Comarca de Aveiro

Éditos de 30 dias

2.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da segunda Vara da Comarca de Aveiro e segunda Secção—Morais—correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação do respectivo anuncio, citando o réu Pedro da Silva Gomes, ausente em parte incerta, mas cujo último domicílio foi em São Jacinto, para no prazo de vinte dias, findo que seja o prazo dos éditos, contestar, querendo, a acção de divórcio que lhe move sua mulher Rosa da Cruz Nordeste, doméstica, residente em São Jacinto, como tudo consta da petição da mesma acção.

Aveiro, 3 de Junho de 1938.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

Melo Freitas

O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara

João António de Morais Sarmento

Comarca de Aveiro

Arrematação

3.ª Praça

2.ª publicação

No dia 19 de Junho corrente, pelas 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e na execução por custas e selos que o Ministério Público move contra José dos Santos Ferreira Novo e mulher Maria Ferreira dos Santos, da Légua, proceder-se-á à arrematação, em hasta pública, e em terceira praça, para ser entregue a quem maior lanço oferecer, do seguinte:

O direito e acção que os executados teem a uma sexta parte de uma terra lavradia, sita nos Moitinhos, de Ilhavo, avaliado em 75$00, e vai à praça por qualquer preço.

Por êste meio são citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 3 de Junho de 1938.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

António Ferreira

O Chefe da 1.ª Secção

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

Éditos de 8 dias

1.ª publicação

Por êste Juízo, 1.ª Secção, correm éditos de 8 dias a contar da segunda e última publicação dêste anuncio, a citar os credores dos falidos Joaquim Estêves Martins ou Joaquim Esteves Martins da Silva ou Joaquim Martins da Silva, residente em Lisboa, e José Ferreira Souto, residente em Ilhavo, e bem assim êstes falidos, para, dentro de cinco dias findo o prazo dos éditos, dizerem o que se lhes oferecer àcêrca das contas apresentadas pelo administrador da massa falida, conforme o disposto no art.º 139 do Código de Falências.

Aveiro, 3 de Junho de 1938.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara,

António Ferreira

O Chefe da 1.ª Secção

Júlio Homem de Carvalho Cristo

Comarca de Aveiro

Arrematação

1.ª publicação

No dia 26 do corrente mês de Junho, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca e na carta precatória extraída da execução por custas que o Ministério Público move contra José Gato, viúvo, morador em Setúbal, vinda da comarca de Estarreja, vai à praça pela terceira vez a-fim-de ser entregue a quem maior lanço oferecer, o seguinte prédio:

Cinco treze avos duma leira de junco, sita no Parraxil, de Aveiro, que foi avaliada em 400$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem à arrematação e usarem dos seus direitos, querendo.

Aveiro, 14 de Junho de 1938.

Verifiquei

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

Melo Freitas

O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara,

João António de Morais Sarmento